

ESCOLAS DO PORTO E DE MADRID

Organização de António Braz Teixeira, Celeste Natário,
José Carlos Pereira e Renato Epifânio

2021

Edição conjunta de:

Instituto de Filosofia da Universidade do Porto
Via Panorâmica s/n
4150-564 Porto

e

DG Edições
Av. D. Pedro V, 15 - 5.º Esq.º
2795-151 Linda-a-Velha

Composição e maquetagem: DG edições

Fotografia da capa: Ortega y Gasset, Leonardo Coimbra e

Garcia Morente

Impressão e acabamento: VASP DPS

ISBN: 978-989-53284-5-1

Depósito Legal: 491048/21

Primeira edição: Novembro de 2021

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-53284-5-1/esc>

O presente livro é uma publicação do Grupo de Investigação “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal”, financiada por Fundos Nacionais através da FCT/MCTES - Fundação para a Ciência e a Tecnologia/ Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, no âmbito do Projeto do Instituto de Filosofia com a referência UIDB/00502/2020.

TRANSCENDÊNCIA E RELIGIOSIDADE, EM ANTÓNIO DIAS DE MAGALHÃES: ANOTAÇÕES DISPERSAS

José Gama

(Universidade Católica Portuguesa: Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos)

António Dias de Magalhães (1907-1972), jesuíta, deixou-nos cerca de uma dúzia de artigos filosóficos, escritos maioritariamente nos anos 50 do século passado, e o poema *Divina Saudade*¹, de 1950. Integra o grupo dos mestres da “Escola Bracarense”, de formação tomista, filosófica e teológica, e “legou-nos uma valiosa, original e fecunda reflexão sobre a dimensão metafísica da saudade, que prolonga e completa a dos seus mestres [Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes] à luz da tradição católica e da relação e confluência entre filosofia e teologia”².

O vínculo de amizade com os mestres citados, e o contributo original que deu à reflexão filosófica sobre a Saudade, justificam a sua inserção neste Congresso. Os seus escritos sobre a filosofia e a metafísica da saudade foram atenta e profundamente analisados e comentados por Manuel Cândido Pimentel, Lúcio Craveiro da Silva, Renato Epifânio e sobretudo António Braz Teixeira. Não me ocuparei aqui especificamente desse tema, pois nada traria de novo.

1. Nestas breves anotações, como sugestões de leitura, procurarei tentar identificar os reais objectivos dos escritos filosóficos consultados. Tendo presente o homem e o pensador, em assinalada coerência de vida e de pensamento, a obra escrita obedece ao “espírito de missão” (sem espírito de cruzada católica ou de proselitismo!), que identifica com a defesa e promoção da *filosofia cristã/ filosofia perene*³.

2. A redescoberta da “perdida harmonia” centra-se fundamentalmente na necessidade da recuperação filosófica da concepção da *transcendência* e da

¹ Magalhães, António Pereira Dias de – *Divina Saudade. Poema*. Braga: Livraria Cruz, 1950, 93 p.

² Teixeira, António Braz – *A Filosofia da Escola Bracarense*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, 2010, p. 109.

³ “O pensamento filosófico actual, para readquirir consistência metafísica, tem de retomar contacto com a filosofia cristã e, nela, independentemente da fé, redescobrirá a perdida harmonia.” - “Da Filosofia à Teologia”. *RPF*, XIII, 1957, p. 284.

imanência, que possibilite a verdadeira compreensão da realidade universal, contingente, na sua relação com a transcendência divina. Para António de Magalhães, a filosofia criacionista de Leonardo Coimbra ilustra exemplarmente este percurso de coerência e de aprofundamento metafísico⁴.

3. A reflexão de António de Magalhães tem presente, habitualmente, a referência explícita e/ou implícita à íntima *sintonia intelectual e empatia humana* que o ligava aos *mestres Leonardo Coimbra e Teixeira de Pascoaes* – aluno e amigo de Leonardo, a quem acompanhou de perto nos últimos anos da sua vida, amigo de Pascoaes durante anos, com quem partilhava ideias, opiniões, projectos...⁵

Em relação aos dois mestres, fica bem patenteada a preocupação mais profunda que norteava o “espírito de missão” do autor, como escreveu em 1950:

Quase conterrâneos em Portugal, pertencem à mesma família na Pátria do espírito. Se o Criacionismo implica a Teologia católica, o Saudosismo é a expressão duma experiência vital poético-religiosa, que implica também a Teologia católica e a atinge, nela se descobrindo e pacificando-se na exaltação da eternamente aprofundante visão de Deus./ (...) / Noutros povos não se deram estes contrastes estranhos. Querer salvar Cristo católico, ainda quando se pensa que para isso se impõe salvá-lo do catolicismo, é ser apenas um católico, que se ignora. Foi o que sucedeu a Leonardo Coimbra. É o que se vê, em Teixeira de Pascoais⁶.

4. A leitura interpretativa dos mestres, figuras tutelares da “Renascença Portuguesa”, leva António de Magalhães à *meditação filosófica sobre a Saudade*, prolongando a herança recebida, e integrando-a na mesma perspectiva metafísica, que a formação filosófico-teológica tomista lhe abria. É na análise do *sentimento saudoso* que a defesa e o apelo da transcendência e da

⁴ Para António de Magalhães, Leonardo Coimbra “atingiu a fundamentada necessidade da transcendência divina e a recíproca necessidade da sua imanência nos seres e tenta resolver a aporia, por uma noção da Divindade, que julga assegurar simultaneamente a transcendência de Deus, a sua imanência nos seres e a imanência relativa destes em Deus. Assim julga plenamente salvas as exigências da razão. Repele as soluções adversas precisamente por não satisfazerem as exigências das noções da transcendência, desvalorizando Deus ou o mundo.” - “Do Criacionismo à Fé”, in *Leonardo Coimbra – Testemunhos dos seus contemporâneos*. Porto: Tavares Martins, 1950, p. 199.

⁵ Pascoaes escreveu um prefácio ao seu livro *Divina Saudade* – cf. *RPF*, XXIX, 1973, p. 165-166.

⁶ “O Pensamento de Leonardo Coimbra”. *RPF*, VI, 1950, p. 8.

imanência na experiência humana melhor se clarifica. A caracterização de uma *religiosidade* natural do ser humano é aí descrita e definida como “transparência intuitiva do seu dinamismo espiritual [do ser] em acção”,⁷ gerando “o sentimento espiritual do ser contingente, a revelação, no mais profundo nível ôntico-psicológico de cognição por co-naturalidade do que, no nível cognitivo da abstracção racional e metafísica, definimos contingência.”⁸

O sentimento saudoso ocupa definitivamente um lugar central na sua reflexão. Na realidade, para António de Magalhães, “A saudade é um sentimento espiritual” e “A análise do sentimento da Saudade manifesta a mais densa e complexa experiência espiritual do homem”⁹.

5. Na sequência da afirmação da *experiência*, na consciência/experiência do sentimento da saudade, que a razão filosófica sujeita a rigorosa análise, surge a necessidade de repensar a questão do significado da própria experiência e sua relação com a *filosofia*. Se a “razão experimental” da ciência se manifesta claramente insuficiente para a análise da experiência interior, espiritual¹⁰, e a “razão intuitiva”¹¹ da poesia não parece satisfazer o próprio poeta Teixeira de Pascoaes, que aponta para algo diferente (“A poesia é a teologia dos hereges”, em *O Homem Universal*), então parece urgente apelar a outro tipo de intervenção da razão. Podemos classificá-la como “razão humanista” ou como “razão metafísica” (a exemplo do “humanismo” de Leonardo Coimbra), que aceite naturalmente a dimensão religiosa do ser humano...

– Pensando nas sugestões que Leonardo nos deixa no último capítulo de *A Razão Experimental* (1922), onde fala na dimensão/volume espiritual, no hipervolume espiritual da experiência humana, - “mistério que aguarda a Revelação ou o lirismo metafísico...”, e desafia o filósofo para a última e

⁷ In *Filosofia da Saudade*. Sel. e org. de A. Botelho e A. Braz Teixeira. Lisboa: INCM, 1986, p. 278 (RPF, XI-XII, 1955).

⁸ *Ibidem*, p. 266 (*Cidade Nova*, III série, n.4-5, 1954).

⁹ *Ibidem*, p. 278 e 276 (RPF, XI-XII, 1955).

¹⁰ António de Magalhães fala dos “Espíritos deformados pelo exagerado exercício das ciências abstractas poderão não ver como na interioridade psíquica se encontra Deus, como consciência, contingente, individual e sentimental, servirá de alicerce à ciência do necessário.” – In *Filosofia da Saudade*, p. 281 (RPF, XI-XII, 1955).

¹¹ “Aonde não chega a razão, chega a inspiração”, diz Teixeira de Pascoaes, depois de “confessar a minha [sua] pouca simpatia pelos filósofos profissionais, (...)” e de alertar para o “advento da *ciência... científica* (...)” e da “área racionalista da ciência” que “domina hoje o mundo objectivo” (...) – cf. RPF, XVI, 1960, p. 715.

mais aventurosa hipótese, a reacção total da alma do filósofo... , afirmação heróica... que não pode deter-se...”;

– e pensando na sequência da obra de Leonardo, que culmina em *A Rússia de Hoje e o Homem de Sempre* (1935), na qual defende o *humanismo cristão* como o que melhor corresponde à verdadeira natureza espiritual do homem, o único que explica a sua situação no Universo e atende a todas as exigências da realidade...; e aponta para uma “*ontologia do espírito*, procurando em cada acto do pensamento humano atingir, pela reflexão e para lá do acto, o dinamismo da actividade e, para além deste, o ser gerador dessa actividade”¹²;

– nesta ontologia, o homem “poderá dar sentido ao conhecimento de conaturalidade entre ele e Deus” (*Ibidem*, p. 59/55);

– interrogo-me, de facto, se poderemos atribuir essa tarefa filosófica específica, a uma “*razão metafísica*”, ou, mais adequadamente, a uma “*razão humanista*”?!

O regresso a sugestões das obras de Leonardo, que vão de encontro ao que aqui pretendo significar, não é abordado por António de Magalhães nos escritos consultados. Recolhi esses dados, pelo facto de Leonardo Coimbra representar para António de Magalhães o “modelo”¹³ exemplar de filósofo português, “com excepcionais dotes especulativos e abundante cultura filosófico-matemática”, e dotado de “espontânea vocação filosófica de surpreendente visão intuitiva e força relacionante” (*ibidem*, p. 506 e 505).

De qualquer modo, creio que a seguinte afirmação vai nesse sentido: “A consciência da saudade, experiência metafísica, é também, por conseguinte, uma experiência teológica e uma experiência religiosa.” Para António de Magalhães, a nível filosófico, o coroamento dessa(s) experiência(s) é alcançado pela metafísica tradicional, tendo em conta as inesgotáveis potencialidades da “filosofia perene e tradicional” da “grande tradição da filosofia ibérica”¹⁴.

¹² Coimbra, Leonardo – *Obras Completas*. Vol. VII. Lisboa: INCM, 2012, p. 58/53.

¹³ “Em Leonardo se verifica a reconciliação pacificante do pensamento genésico com o construtivismo racional, a interacção do emocional e do especulativo, do existencial com a reflexão metafísica, que de balde Pascoaes encontrou. O descobrimento do Tomismo, interpretado na linha de Maréchal, deu-lhe a teoria da analogia do ser, desde a primeira hora pressentida confusamente, como chave dos enigmas fundamentais, em que o seu espírito longa e dramaticamente se debatera.” – “Iniciação ao moderno Pensamento Português”. *RPF*, X [“Perspectivas do Curso Bracarense”], 1954, p. 506.

¹⁴ In *Filosofia da Saudade*, p. 280 e 274 (*RPF*, XI-XII, 1955).

6. Ainda uma referência à defesa e promoção da *Filosofia Portuguesa*: no número especial da *Revista Portuguesa de Filosofia*, onde são apresentadas as *Perspectivas do Curso Bracarense*, António de Magalhães escreve sobre a “Iniciação ao moderno Pensamento Português”¹⁵, onde defende a originalidade e capacidade criativa da Filosofia Portuguesa, “em prospecções de índole reflexiva, em campos ordinariamente explorados com diferentes finalidades”¹⁶.

Foi importante o seu contributo para a promoção de filósofos portugueses e temas da filosofia portuguesa, que encontramos nas páginas da *Revista Portuguesa de Filosofia*, desde os primeiros números da sua publicação (1945), num período em que a Filosofia Portuguesa ainda era olhada com alguma desconfiança.

Creio que não será infidelidade ao pensamento filosófico de António de Magalhães, afirmar que para ele a filosofia é, fundamentalmente, a expressão de convicções, de convicções autênticas, coerentes e fundamentadas, simultaneamente filosófico/teológico/científicas e humanas...

7. Para completar, ou personalizar um pouco mais, a minha leitura dos ensaios de António de Magalhães, não quero deixar de referir a forte sensação de ver neles expressa a *dinâmica da espiritualidade inaciana*, à luz dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, patente de modo particular na leitura fenomenológica e interpretativa do sentimento da Saudade.

A dinâmica interna dos *Exercícios Espirituais* de Inácio de Loyola, que são orientados para uma adesão e compromisso pessoal com a pessoa e mensagem de Jesus Cristo, situa-se e desenvolve-se entre a meditação inicial do

¹⁵ *RPF*, vol. X, fasc. 4, 1954, p. 502-511.

¹⁶ E acrescenta: “Terão assim os novos filósofos a surpresa de colher filosofia nas diversas camadas da vida, e a reflexão reverterá na vitalização e actualização do próprio pensamento. Sentirão ainda melhor o valor humano e o sentido promotor da filosofia, a sua eficácia para a compreensão dos problemas relativamente autónomos e aparentemente opostos. Encontrar-se-ão a si próprios mais plenamente, na consciencialização do meio de que dependem, nas origens de que provêm, do mundo de problemas que lhes falam e os preocupam. / Tudo isto contribuirá para o sentimento de que pensam na vida e para a vida. Entrarão, deste modo, na linha do pensamento nacional, integrados na realidade, sem risco de estagnação nem perigo da violência de excessiva dependência de correntes estrangeiras. Ganhará o pensamento nacional, pela valorização das suas originais tendências, e o universal, pelo contributo peculiar, que do primeiro pode esperar.” – *Ibidem*, p. 502-503.

chamado “Princípio e fundamento”¹⁷ e a meditação final da “Contemplanção para alcançar amor”¹⁸.

De modo semelhante, na análise e interpretação da *Saudade*, podemos identificar no texto de António de Magalhães a expressão ou o equivalente a um princípio fundamental e a um princípio de acção:

– O *princípio geral*: - “A Filosofia da saudade, trazendo a reflexão para a interioridade espiritual humana, nem por isso a transporta para um subjectivismo lógico e idealista de pura imanência. (...) A consciência saudosa surge no homem anteriormente a qualquer construção ideal implicativa de preconceitos de teorias ou sistemas filosóficos. Ora, o seu conteúdo afirmativo, assim puro de qualquer intervenção elaborada, é testemunho de transcendência, da inadequação do ser e do conhecimento, da tensão insatisfeita do espírito ao reconhecer-se, enquanto espírito, na sua espontânea aspiração de totalidade e, simultaneamente, na sua real incapacidade de actuar em presença.”¹⁹

– O *plano de acção*, “na transparência intuitiva do seu dinamismo espiritual em acção”: “O sentimento da saudade, como já foi observado por Ramón

¹⁷ *Exercícios Espirituais*, 23 – Princípio e Fundamento: “O homem é criado para louvar, prestar reverência e servir a Deus nosso Senhor e, mediante isto, salvar a sua alma; e as outras coisas sobre a face da terra são criadas para o homem, para que o ajudem a conseguir o fim para que é criado. Donde se segue que o homem tanto há-de usar delas quanto o ajudam para o seu fim, e tanto deve deixar-se delas, quanto disso o impedem. / Pelo que, é necessário fazer-nos indiferentes a todas as coisas criadas, em tudo o que é concedido à liberdade do nosso livre arbítrio, e não lhe está proibido; de tal maneira que, da nossa parte, não queiramos mais saúde que doença, riqueza que pobreza, honra que desonra, vida longa que vida curta, e consequentemente em tudo o mais; mas somente desejamos e escolhemos o que mais nos conduz para o fim para que somos criados.” – Loliola, Santo Inácio de – *Exercícios Espirituais*. 3ª ed. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1999, p. 29-30.

¹⁸ *Exercícios Espirituais*, 230-237 – Contemplanção para alcançar amor: *Notas* – Convém antes atender a duas coisas: que o amor se deve pôr mais nas obras que nas palavras; que o amor consiste na comunicação recíproca, a saber, em dar e comunicar a pessoa que ama à pessoa amada o que tem ou do que tem ou pode; e, vice-versa, a pessoa que é amada à pessoa que ama; de maneira que, se um tem ciência, a dê ao que a não tem, e do mesmo modo quanto a honras ou riquezas; e assim em tudo reciprocamente, um ao outro. [*Composição* de lugar...; *Pedir* o que quero...]. *Quatro pontos* da meditação: trazer à memória os benefícios recebidos da criação, redenção, e os dons particulares, ...; considerar como Deus habita nas criaturas, ...; e como faz de mim seu templo, ...; considerar como Deus trabalha e opera por mim em todas as coisas criadas, ...; atender como todos os bens e dons descem do alto, ... Acabar, reflectindo em mim mesmo, como está dito. *Terminar com um colóquio* e um *Pai* nosso. E “*Tomai, Senhor, e recebei toda a minha liberdade, ...*”. – *Ibidem*, p. 120-123.

¹⁹ In *Filosofia da Saudade*, p. 271 (*Cidade Nova*, III série, n. 4-5, 1954).

Piñeiro, é o sentimento da contingência, não saciada pelo Absoluto, o sentimento do ser espiritual vivendo a necessidade absoluta do Ser necessário. É o sentimento da necessidade na contingência, do infinito no finito, do transcendente no imanente, do acto na potência, da Existência pura no existente precário e fluente, da infinitude do Espírito no ser espiritual, que, não a possuindo, vive a tensão do seu ilimite ideal, no real e consciente limite de ser.”²⁰

8. As questões da *transcendência e imanência, religiosidade natural* no ser humano, conhecimento de Deus por conaturalidade... – constituem o núcleo central, a motivação real da reflexão filosófica de António de Magalhães.

No testemunho sobre Leonardo Coimbra, em 1950 – “Do criacionismo à fé”²¹ –, a leitura/interpretação de António de Magalhães é clara, no intuito de mostrar como Leonardo “salva a transcendência de Deus e a sua imanência no Cosmos, segundo as exigências da razão e da experiência” (*ibidem*, p. 202); o pensamento platónico-aristotélico levou-o a “aceitar o sobrenatural, se o real não cabia na simples reflexão filosófica em termos de pura natureza.” (*ibidem*, p. 211). A síntese tomista abriu-lhe o caminho para *conhecer* o sobrenatural, o seu espírito encontrou no catolicismo pacificação metafísica – numa *metafísica acabada em religião* (*ibidem*, cf. p. 213 e 211). Leonardo Coimbra foi, de facto, para António de Magalhães, o exemplo e modelo próximo e clarificador das potencialidades da filosofia e da metafísica tradicional, da filosofia cristã... “O pensamento de Leonardo Coimbra reconheceu-se católico à luz da síntese tomista”²².

E, deste modo, se realiza ou dá cumprimento da “missão” de António de Magalhães, integrado na “missão histórica” de Portugal: “Só quando houver em Portugal um escol de pensadores vivendo os problemas, na profundidade e altura de Leonardo Coimbra, haverá também a certeza de que Portugal se reintegrrou no sentido da sua missão histórica” (*ibidem*, p. 221).

²⁰ *Ibidem*, p. 278 (RPF, XI-XII, 1955).

²¹ In *Leonardo Coimbra. Testemunhos dos seus contemporâneos*, p. 197-221.

²² *Ibidem*, p. 213 e p. 221: “A mensagem de Leonado Coimbra é, de todas, a que possui maior sentido de perenidade, pois foi ele quem viveu o pensamento na maior altura, mais universalmente e mais consciente dos problemas, que a vida de hoje põe ao Homem de sempre. / Leonardo Coimbra atingiu a profundidade do Homem de sempre, porque atingiu Cristo pela angústia metafísica do homem contemporâneo. E à luz de Cristo, viu renovada a face da terra: o sentido da história, do progresso e da civilização, o problema do amor, da dor e da alegria, da razão e da imortalidade, da ciência e da beleza. E tudo isto nos foi dado, no drama da sua obra e da sua vida e em muita beleza de arte.”